



16º Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais

Tema: “40 anos da “Virada” do Serviço Social”

Brasília (DF, Brasil), 30 de outubro a 3 de novembro de 2019

Eixo: Serviço Social, Relações de Exploração/Opressão de Gênero, Raça/Etnia, Geração e Sexualidade.

Sub-Eixo: Ênfase em Gênero.

GÊNERO E ENVELHECIMENTO COMO EXPRESSÃO DA QUESTÃO SOCIAL E SUA INTERFACE COM O MERCADO DE TRABALHO

Juliana Frota Dourado¹

Jessica Monaliza de Menezes Saraiva²

Ana Beatriz Nobre Dia dos Santos³

Resumo: O artigo traz reflexões acerca das categorias envelhecimento e gênero analisando-as como expressões da questão social e os imbricamentos com o mundo do trabalho na contemporaneidade. A perspectiva é compreender a relação das determinações sociais que impulsionam a lógica dos espaços públicos e privados e os estigmas destinados à mulher na sociabilidade do capital. A metodologia está baseada na pesquisa bibliográfica e documental.

Palavras-chave: Mulher, Gênero, Envelhecimento e trabalho.

Abstract: The article reflects on the categories of aging and gender by analyzing them as an expression of the social question and the overlap with the world of work in the contemporary world. The perspective is to understand the relation of the social determinations that propel the logic of the public and private spaces and the stigmas destined to the woman in the sociability of the capital. The methodology is based on bibliographical and documentary research.

Key words: Women, Gender, Aging and Work.

INTRODUÇÃO

O presente artigo buscará como objetivo geral a discussão e reflexão sobre envelhecimento e gênero analisando-os como expressões da questão social. Utiliza como parâmetro as nuances do mercado trabalhista e suas relações na contemporaneidade. Entre os objetivos deste ensaio, há ainda o ensejo de, através das contribuições deste estudo, somar com o processo de produção do conhecimento com sentido político, cooperando para o fortalecimento das lutas coletivas.

Primeiramente é apresentada a questão da diversidade de gênero experienciada na esfera trabalhista, e, para tanto, foi elaborada uma análise histórica sucinta partindo da Revolução Industrial, que expõe a inclusão da mulher nos espaços de trabalho, ressaltando a perspectiva do desenvolvimento capitalista. Partindo desta linha de raciocínio, foi analisado o aprofundamento das desigualdades de gênero inseridas no âmbito do trabalho.

¹ Estudante de Pós-Graduação, Universidade Estadual do Ceará, E-mail: julianadourado05@hotmail.com.

² Estudante de Pós-Graduação, Universidade Estadual do Ceará, E-mail: julianadourado05@hotmail.com.

³ Estudante de Graduação, Universidade Estadual do Ceará, E-mail: julianadourado05@hotmail.com.

A naturalização/essência feminina é também evidenciada como parâmetro para designar a posição da mulher na sociedade, enaltecendo ainda a ausência de condutas assertivas e uma dualidade por parte do Estado frente a essas questões, que acarretam no aprofundamento vigoroso das disparidades sociais e suas expressões.

Em um segundo momento foi explicitado o estigma sob a mulher velha na atual conjuntura capitalista, com enfoque no tributo ao “novo”. Nesse aspecto, para a melhor compreensão dos futuros apontamentos, fez-se essencial a distinção de “velhice” e “envelhecer”, utilizando-se das contribuições de Messy (1999). A partir disso, foi elencada uma breve trajetória dos significados da velhice entre diversas sociedades e épocas, no intuito de apresentar os diversos estigmas sobre tornar-se velho, fazendo uma comparação do “ser mulher” na juventude e na velhice, em relação a aspectos como corpo, mercado de trabalho, produtividade e valor para o capital.

1. AS RELAÇÕES DE GÊNERO X RELAÇÕES DE TRABALHO E SUAS INTERFACES COM A QUESTÃO SOCIAL NA SOCIABILIDADE DO CAPITAL

A proposta desse ensaio visa refletir acerca das categorias gênero e geração no mercado de trabalho e como a questão social se expressa na interface desses ciclos relacionais na sociabilidade capitalista. A reflexão está sustentada numa perspectiva teórico crítica que nos dará aporte para pensar um cotidiano multifacetado que nos é apresentado de maneira dinâmica e controversa no cenário do capital.

Para compreendermos a realidade das disparidades de gênero vivenciadas no mundo do trabalho na contemporaneidade é necessário que façamos uma observação histórica das construções sociais e geracionais as quais homens e mulheres foram submetidos, entrelaçados à condição de classe que dentro do sistema capitalista preconiza as desigualdades sociais e fortalece o patriarcado numa perspectiva de subordinação da mulher seja no espaço público ou privado.

Para situar a entrada da mulher na cena pública, no mercado de trabalho, podemos fazer uma breve análise histórica a partir da Revolução Industrial que traz a inserção da mulher no mundo do trabalho sob um prisma de desenvolvimento do sistema capitalista. A partir do fenômeno da industrialização as mulheres passam a ser recrutadas para essa nova realidade social que é o trabalho industrial nas fábricas. Numa conjuntura precarizada de um trabalho fabril penoso e insalubre as mulheres passam a fazer parte da dinâmica capitalista que se coloca como urgente. Podemos destacar essa realidade na fala de Guiraldelli (2007):

Com a Revolução Industrial, marco da consolidação do capitalismo, a mulher passa a ser incorporada nas relações produtivas sob condições desumanas, tendo em vista a intensificação do trabalho, a extensa jornada de trabalho e o rebaixamento salarial, para atender aos imperativos do acelerado processo de acumulação. Mesmo com essa realidade, as mulheres dos grupos menos privilegiados necessitavam do trabalho como forma de subsistência e por isso acabavam se sujeitando aos respectivos ordenamentos. (GUIRALDELLI, 2007, p.2)

Para tanto, percebemos na fala do autor o embrutecimento na forma de como se apresenta o mercado de trabalho para as mulheres. As condições vivenciadas no processo de industrialização em escala mundial eram embasadas em condições desumanas e precárias e quando essa cena é analisada através da categoria gênero o cenário é ainda mais desolador, pois as circunstâncias em que as mulheres são acometidas são piores do que as ofertadas aos homens, numa perspectiva salarial, de jornada de trabalho e reconhecimento do espaço laboral como legítimo a mulher.

Os desdobramentos de subalternização da mulher evidenciados na cena pública se dão em detrimento de uma lógica social legitimada na esfera privada a partir do patriarcado numa perspectiva conservadora. A inclusão da mulher no mundo do trabalho é marcada pela premissa da subordinação nas relações de gênero e que mesclados à realidade capitalista de expropriação da mão de obra dos trabalhadores aprofunda as desigualdades vivenciadas pela classe trabalhadora.

O aprofundamento das desigualdades de gênero nas relações de trabalho se fortalece a partir da realidade de exploração das mulheres nas atividades da esfera privada. A totalidade social constitui o lugar da mulher a partir de uma naturalização, uma suposta essência feminina que atribui a ideia dos lugares e comportamentos devidos ao feminino. Podemos perceber essa concepção na fala de Mirla Cisne (2015):

A educação sexista não educa homens e mulheres apenas de forma diferente, mas, também, desigual, levando muitas mulheres a crerem que possuem uma essência que as tornam naturalmente mais aptas para determinados trabalhos. Para isso, inculca valores e qualidades considerados femininos para moldar um modelo de mulher apto a atender aos interesses patriarcal capitalistas. (CISNE, 2015, p.118)

Para tanto, as determinações sociais que permeiam essas relações são essências para a manutenção do capital e a desvalorização das atividades domésticas como processos não produtivos. Todavia, esses imbricamentos, se pensados num prisma crítico, são atividades vitais de superexploração do sistema capitalista e traz nos seus desdobramentos imposições sociais acerca da divisão social e sexual do trabalho, fomentando um cenário de subordinação e opressão do feminino.

A dimensão da exploração da mulher na sociedade figura a construção e manutenção de um mundo do trabalho que homogeneiza a classe trabalhadora como “igual”. Tendo em vista que possuímos relações prontamente estabelecidas de opressão quanto ao

recorte de classe e isso se acentua ao fazermos a análise olhando a categoria gênero. Podemos denotar esse processo de subordinação da mulher na esfera do trabalho alinhado aos processos vivenciados na vida privada a partir de Ricardo Antunes:

A mulher trabalhadora, em geral, realiza sua atividade de trabalho duplamente, dentro e fora de casa, ou, se quisermos, dentro e fora da fábrica. E ao fazê-lo, além da duplicidade do ato do trabalho, ela é duplamente explorada pelo capital: desde logo por exercer no espaço público seu trabalho produtivo no âmbito fabril. Mas, no universo da vida privada, ela consome horas decisivas no trabalho doméstico, com o que possibilita (ao mesmo capital) a sua reprodução, nessa esfera do trabalho não diretamente mercantil, em que se criam as condições indispensáveis para a reprodução da força de trabalho de seus maridos, filhos/as e de si própria. Sem essa esfera da reprodução não diretamente mercantil, as condições de reprodução do sistema do metabolismo social do capital estariam bastante comprometidas, se não inviabilizadas (ANTUNES, 1999, p.108-109).

Nesse fluxo de expropriação da mão de obra feminina o sistema capitalista se fortalece e assume um discurso de uma não valorização da atividade doméstica como natural, denotando as circunstâncias privadas de segregação que extrapolam para a vida pública no trabalho. Para Mirla Cisne (2015), a concepção de atividades que são ditas femininas propiciam a reprodução do capital e manutenção dos seus lucros, numa perspectiva cada vez mais significativa de diminuição do custo da reprodução da força de trabalho.

Pensar a mulher e seus contextos na vida pública e privada é identificar a ausência de ações positivas da figura do Estado para com as questões de gênero. Aqui o Estado mencionado se constitui como capitalista e se analisarmos os ciclos de produção e reprodução da força de trabalho feminina assalariada e explorada iremos perceber assimilação da situação de opressão e subordinação da mulher como algo natural. Mirla Cisne (2015) faz uma análise que nos possibilita pensar como o capital se refuncionaliza a partir dessas tendências de opressões impostas e como se aprofunda os processos de subalternização:

O modo de produção capitalista, além de produzir desigualdades, apropria-se das anteriormente existentes ao seu sistema, como as decorrentes do patriarcado e do racismo. Com isso, refuncionaliza, por exemplo, as subordinações e desvalorizações das mulheres e da população negra para atingir maiores lucros com a superexploração das suas forças de trabalho, geralmente, precarizadas e mal remuneradas. Nesse sentido, a ideologia sexista e racista está intimamente ligada às motivações do lucro capitalista. (CISNE, 2015, p.124)

Dessa forma, o metabolismo social do mundo do trabalho se refuncionaliza e se alimenta das disparidades vivenciadas nas relações de classe, raça e gênero. A desomoginização da classe trabalhadora não é um interesse direto do estado, uma vez que este nega a perspectiva de uma sociedade de classes. Mirla Cisne (2015) propõe uma análise acerca de como o trabalho não remunerado realizado por mulheres afirma essa realidade:

Sem o trabalho doméstico não remunerado, o Estado capitalista teria que arcar, por exemplo, com restaurantes, lavanderias e escolas públicas em tempo integral em grande escala, de modo a atender à massa da classe trabalhadora. Outra opção seria aumentar significativamente o salário mínimo, de tal forma que um trabalhador pudesse pagar por alguns serviços necessários à reprodução da sua força de trabalho. Ambas as alternativas implicariam em um ônus significativo que afetaria diretamente os lucros do capital (CISNE, 2015,p.124).

Dentro dessa perspectiva compreendemos a dualidade de estado e sistema capitalista que aprofunda as desigualdades sociais e traz novas expressões da questão social na contemporaneidade. Para Iamamoto (1999) a relação capital x trabalho é fundante para a questão social, mas de acordo com cada período histórico as contradições vão assumindo novas roupagens, numa dimensão em que a igualdade jurídica convive de forma contraditória com processos desiguais na sociedade.

Dessa forma, temos desde os primórdios da sociabilidade capitalista, com a industrialização e a exploração da classe trabalhadora como motor do capitalismo, a análise desse metabolismo social vai se reificando nos contextos do capital na condição dos monopólios e sua internacionalização. Sendo assim, pensar essas questões articuladas ao Estado é necessário para que possamos ter uma compreensão da dimensão econômica e política das formas que o mundo do trabalho assume e das relações engendradas em seu seio, numa perspectiva de apreender esses ciclos e seus desdobramentos na realidade dos e das trabalhadoras.

2. O CULTO “AO NOVO” E A ESTIGMATIZAÇÃO DA MULHER VELHA NA SOCIEDADE CAPITALISTA

Para o estudo de velhice, faz-se necessário pontuar sobre a diferença entre as categorias de “envelhecimento” e “velhice”. De acordo com Messy (1999), a velhice é configurada como um processo vital, em consonância com a idade cronológica, já o envelhecimento é compreendido como um processo natural do ciclo da vida.

Se o envelhecimento é o tempo da idade que avança, a velhice é o da idade avançada, entenda-se, em direção da morte. No discurso atual, a palavra envelhecimento é quase sempre usada num sentido restritivo e em lugar da velhice. A sinonímia dessas palavras denuncia a denegação de um processo irreversível que diz respeito a todos nós, do recém-nascido ao ancião (MESSY, 1999, p.23).

As representações da velhice são variadas e incertas e, por vezes, contraditórias, isso porque o termo “velho” assume significados diferentes de acordo com o contexto e as circunstâncias, podendo ser mais ou menos valorizado de acordo com as especificidades de cada local, por isso, a velhice “é para cada indivíduo, um destino singular”, como aponta Beauvoir (1990, p.109).

Dessa forma, a categoria velhice não se caracteriza como natural, mas como uma construção social, pois, as representações e significados que lhes são dadas variam de acordo com o contexto, em que “cada cultura tende a elaborar grades de idades específicas”, como elucida Debert (2006, p. 51), e por isso, há variações de velhices, as quais são regidas sob a égide de cada local, como aponta a autora supracitada:

As representações sobre a velhice, a idade a partir da qual os indivíduos são considerados velhos, a posição social dos velhos e o tratamento que lhes é dado pelos mais jovens ganham significados particulares em contextos históricos, sociais e culturais distintos. (DEBERT, 2006, p.8)

Como menciona Muniz e Barros (2014, p.7), “a velhice assusta” e a ideia de finitude sempre foi uma temática rodeada de dúvidas por filósofos, religiosos e pensadores. Analisar a velhice requer elencar também outros fatores que compõem e interferem diretamente na velhice vivenciada por cada indivíduo em singularidade, como diferença de gênero, de classe, etnia, posição econômica e até mesmo de credos religiosos (MUNIZ; BARROS, 2014).

Na Grécia antiga, Hipócrates⁴, em seus estudos acerca da medicina, considerou a velhice como uma ruptura de equilíbrio do corpo, que começava aos 56 anos e que se assemelhava ao inverno, por ser um período frio, tranquilo e que geralmente não desperta ânimo nas pessoas. Já no século II, Galeno⁵, ao estudar sobre a medicina antiga, constatou que a velhice se configurava como o entremeio entre a doença e a saúde (BEAUVOIR, 1990).

Se o envelhecimento, enquanto processo natural já foi e é temido pelas sociedades, a velhice em si, é tida como “a idade avançada, entenda-se, em direção da morte”, como coloca Messy (1999, p.23), sendo assim, tão estigmatizada. Para exemplificar o medo que havia em torno da velhice no Ocidente, mais especificamente no Egito, Beauvoir (1990) menciona o texto escrito por Ptah-hotep⁶ que segundo ela, retratava a velhice de maneira sombria. Segundo o que aponta os escritos:

Como é penoso o fim de um velho! Ele se enfraquece a cada dia; sua vista cansa, seus ouvidos tornam-se surdos; sua força declina; seu coração não tem mais repouso; sua boca torna-se silenciosa e não fala mais. Suas faculdades intelectuais diminuem, e lhe é impossível lembrar-se hoje do que aconteceu ontem. Todos os seus ossos doem. As ocupações que até recentemente causavam prazer só se realizam com dificuldade, e o sentido do paladar desaparece. A velhice é o pior dos infortúnios que pode afligir um homem [...] (BEAUVOIR, 1990, p.114).

⁴ Hipócrates nasceu em Cós, na Grécia e foi considerado o pai da medicina. Sua fama clínica se deu nos anos 429-450 a.C. Disponível em: <http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/opombo/hfe/protagoras/links/hipocrates.htm>

⁵ Galeno foi médico e filósofo romano de origem grega. Conhecido por suas ações investigativas na área, ele foi responsável pelos primeiros estudos acerca da anatomia humana. Disponível em: <https://biologo.com.br/bio/claudio-galeno/>

⁶Ptah-hotep viveu no Egito durante o reinado de Djedkaré-Isesi e foi um grande personagem histórico de sua época. Disponível em: <http://greciantiga.org/arquivo.asp?num=0069>

O referido texto foi escrito 2500 anos A.C e a indagação que perdura é: Os estereótipos voltados para a velhice se limitaram apenas as sociedades históricas antigas? É fato que a cultura das sociedades nas quais passaram pelo contexto do sistema de capital, as quais valorizam a produtividade e conseqüentemente a juventude, respondem a exigências postas culturalmente pela sociedade e pelo modo de produção vigente. (Manzaro, 2014).

Desse modo, envelhecer inserido em uma sociedade cujo modelo está alicerçado em níveis exorbitantes de produtividade e exploração é recair-se ao “desuso” e, ser mulher velha nesta sociabilidade engloba questões ainda mais agravantes, pois, “[...] sabe-se que, em uma sociedade, é melhor ser homem do que ser mulher, ser jovem do que ser velho, portanto ser mulher e ser velha é duplamente desvalorizado” (SALGADO, 2002, p. 12).

O que era “valorizado” na mulher quando jovem, ao se encontrar na velhice, toma novas conotações. O corpo, que antes tinha curvas perfeitas e sensuais e que era objeto de desejo sexual, se reduz a figura da avó ou mulher anciã, como aponta Beauvoir (1990, p.364) “[...] nunca se fala de ‘bela velha’; no máximo se dirá ‘uma encantadora anciã’”.

O cabelo branco na mulher velha torna-se sinônimo de “decadência” para a sociedade, já os cabelos grisalhos e a calvície dos homens velhos fazem deles atrativos, reforçando assim, a força do patriarcado expressada na sociedade. Dessa forma “ao passo que admitimos certos ‘belos velhos’; o macho não é uma presa; não se exige dele nem frescor, nem doçura, nem graça, mas força e a inteligência do sujeito conquistador; os cabelos brancos e as rugas não contradizem esse ideal viril” (BEAUVOIR, 1990, p.364).

Além dos estereótipos voltados para a dimensão do corpo da mulher velha, há também outro nível de desvalorização referente ao âmbito do trabalho. Se estar velho(a) na sociabilidade capitalista é perder seu valor de uso para o capital, para a mulher velha e pobre, essa desvalorização é ainda maior. Segundo Barros (2011) as mulheres de camadas populares, ao envelhecerem, são destinadas a cuidarem dos netos, a fim de viabilizar o trabalho e/ou a produtividade direta de seus(suas) filhos(as) na dinâmica do capital.

As mulheres, que historicamente foram inseridas em dinâmicas de trabalho precárias na juventude e que por vezes desempenhavam jornada de trabalho duplicada, “dentro e fora” de casa, ao chegarem à velhice, também são destinadas a atividades no âmbito familiar, que embora não esteja ligada diretamente com o ciclo produtivo do capital, contribuem e influenciam na sua potencialidade, já que são essas mulheres velhas que possibilitam outras (as) de “trabalharem efetivamente”.

Desse modo, tendo a mulher – jovem e velha – sido estigmatizada e desvalorizada historicamente pela sociedade do capital, como se pensar em alternativas que garantam a essa mulher um tratamento não homogeneizado, mas que ressaltem suas particularidades? O Estatuto do Idoso prevê que para além da família e da sociedade é papel do Estado garantir uma boa qualidade de vida para o segmento, em todas as áreas, inclusive no trabalho.

Qual o papel do Estado na efetivação das políticas públicas voltada para as mulheres e em especial, para a velha? Longe de ações que se responsabilizam, o Estado tem colocado nas mãos de outrem a garantia que o mesmo, em instância maior, poderia exercer.

Alinhado a essa questão, ao rememorar o contexto atual, vemos o avanço avassalador de decretos/leis que desvalorizam e colocam a mulher – novamente – em situações de trabalho ainda mais precário e, no caso da população das mulheres velhas, impossibilitadas iminentemente de se aposentarem. Tais fatores agravam ainda mais as condições de vida e de trabalho das mulheres, que como foi pontuado neste ensaio, foram historicamente subalternizadas e desvalorizadas frente à lógica e sociabilidade do capital.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer do presente ensaio, foram apresentados elementos indispensáveis à reflexão crítica relativa ao envelhecimento e gênero. Observou-se de que modo a expressão da questão social se estabelece, tomando como base de análise as particularidades do universo do trabalho e a relação deste na atual conjuntura.

Conheceu-se que desde o princípio da sociedade capitalista a mesma é provida por meio da exploração da força de trabalho. Diante disso, percebe-se a relevância de atrelar ao Estado o fenômeno do aprofundamento das desigualdades de gênero e da superexploração da mulher nas esferas trabalhista e doméstica, para que assim se possa compreender a realidade exposta, além de absorver conhecimentos acerca de aspectos políticos, econômicos e sociais sobre o mundo do trabalho e suas especificidades.

No que reflete ao estigma historicamente atrelado à mulher, seja ela de qualquer geração, na conjuntura capitalista, percebe-se nitidamente a indisposição por parte do Estado para criar estratégias que reafirmem e enalteçam a singularidade da mulher na velhice, em todos os aspectos de sua existência - sendo o trabalho um deles -, cumprindo o que preconiza o Estatuto da Pessoa Idosa acerca da qualidade de vida do seu público-alvo.

Diante de tais apontamentos, e considerando o contexto de retrocesso de direitos – trabalhistas e civis -, nos leva a inferir que os ciclos de exploração e a desvalorização, tanto

das mulheres na velhice quanto da classe trabalhista em geral, estão se intensificando exacerbadamente, o que culmina em um retrocesso que agrava progressiva e agressivamente a conjuntura de subordinação em que estão inseridos.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao trabalho? Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho**. São Paulo: Cortez/Unicamp, 1985.
- BARROS, Myrian Moraes Lins de Barros. **A velhice na pesquisa socioantropológica brasileira**. In: _____. *Corpo, envelhecimento e felicidade*. Organização de Mirian Goldenberg. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.
- BEAUVOIR, Simone de. **A Velhice**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- CISNE, Mirla: **Gênero, divisão sexual do trabalho e serviço social**. 2. ed. São Paulo: Outras expressões, 2015.
- DEBERT, G.G. A antropologia e o estudo dos grupos e das categorias de idade, In: Lins de Barros MM (org.). **Velhice ou terceira idade?** Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2006. p. 49-67.
- ESTATUTO DO IDOSO. Brasília. 2003. Disponível em: <http://www.saude.pr.gov.br/arquivos/File/pagina_saude_do_idoso/estatuto_do_idoso.pdf>. Acesso em: 1 out. 2018.
- GUIRALDELLI, Reginaldo.: **Presença feminina no Mundo do Trabalho História e Atualidade**. Revista de Estudos do Trabalho. Ano I – Número I – 2007. Disponível em http://www.estudosdotrabalho.org/Guiraldelli_RET01.pdf. Acesso em 13 de maio de 2019.
- IAMAMOTO, Marilda Vilela. **Renovação e conservadorismo no Serviço Social**. Ensaios críticos, 2. ed. São Paulo: Cortez, 1994.
- _____. O trabalho do assistente social frente às mudanças do padrão de acumulação e de regulação social, *in*CFESS/CRESS – Capacitação em Serviço Social e Política. Módulo 1: *Crise contemporânea, Questão social e serviço social*. Brasília: UNB, 1999.
- MANZARO, S.C.F. **Envelhecimento: idoso, velhice ou terceira idade?** 2014. Disponível em: <<https://www.portaldoenvelhecimento.com.br/envelhecimento-idoso-velhice-ou-terceira-idade/>>. Acesso em: 20 mai. 2019.
- MESSY, Jack. **A pessoa idosa não existe**: Uma abordagem psicanalítica da velhice. São Paulo: Aleph, 1999.
- MUNIZ, T.S.; BARROS, A. O trabalhador Idoso no Mercado de Trabalho do Capitalismo Contemporâneo. Cadernos de Graduação, Maceió v.2, n.1, p. 103 – 116, maio 2014. Disponível em: <<https://periodicos.set.edu.br/index.php/fitshumanas/article/download/1079/793>>. Acesso em: 20 mai. 2019.

SALGADO. Carmen Delia Sánchez. Mulher idosa: a feminização da velhice. **Estud. interdiscip. envelhec.**, Porto Alegre, v. 4, 2002.

VIDA de Ptah-Hotep. Disponível em: <<http://greciantiga.org/arquivo.asp?num=0069>>. Acesso em: 8 mai. 2019.

VIDA e obra de Galeno. Disponível em: <<https://biologo.com.br/bio/claudio-galeno/>>. Acesso em: 18 jan. 2019.